

## ESCOLA DO SÉCULO XXI: UM OLHAR SEMIÓTICO SOBRE AS IMAGENS PROJETADAS POR ALUNOS E PESQUISADORES

### THE SCHOOL FROM XXI CENTURY: A SEMIOTIC LOOK ON THE PROJECTED IMAGES BY STUDENTS AND RESEARCHERS

Elza Rodrigues Barbosa PEIXOTO  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
[elza.peixoto21@gmail.com](mailto:elza.peixoto21@gmail.com)

Elizangela da Rocha FERNANDES  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
[elizan\\_gbi@hotmail.com](mailto:elizan_gbi@hotmail.com)

Maria José de PINHO  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
[mjpgon@uft.edu.br](mailto:mjpgon@uft.edu.br)

**Resumo:** Neste trabalho, mobilizando a semiótica discursiva greimasiana, buscou-se investigar quais são as imagens, as percepções que atores distintos projetam sobre a escola do século XXI. De um lado, alunos do ensino médio de classe média, cursando escola da rede particular de ensino, e, de outro, pesquisadores da educação que participam ativamente de pesquisas e redes de debates sobre o papel da escola. O que pensam sobre a educação atual? Que imagens projetam em seus discursos, vivenciando a escola sob diferentes perspectivas? Essas imagens convergem ou divergem? Norteados por essas questões, selecionamos como *corpus* de análise 25 textos de alunos, da terceira série da educação básica da rede particular de ensino, em comparação com um texto de apresentação de um grupo de pesquisa da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC). Verificou-se, pela análise empreendida dos percursos temáticos e figurativos, que esses sujeitos projetam em seus discursos as mesmas imagens, marcando suas formações ideológicas em disjunção com o universo de práticas e valores desta escola atual, ultrapassada e tecnicista; por isso mesmo, buscam, ao menos no plano do discurso, a conjunção com a imagem de escola do século XXI: aquela em constante transformação não para uma educação mais tecnológica, mas por uma educação mais humanizada.

**Palavras-chave:** Semiótica; semântica discursiva; temas e figuras.

**Abstract:** In this work, mobilizing the *greimasian* discursive semiotics, we sought to investigate what are the images, the perceptions that distinct actors project about the school from XXI century. On the one hand, high school students, middle-class, attending private school education, and on the other, researches from education that have active participation on researches and debate networks about the role of school. What do they think about current education? What are the projected images on their speeches, living the school from different perspectives? These images are convergent or divergent? Guided by these issues, we selected 25 compositions from 3<sup>th</sup> grade students of private school basic education as analysis *corpus* compared with a presentation text of a research group of the International Network of Creative Schools – INCS. It was found, by the undertaken analysis of thematic and figurative routes, that these subjects project the same images in their speeches, tracing their ideological formations in disjunction with the universe of practice and values of this current outdated and technicist school; therefore, they seek, at least in the discourse of plan, the conjunction with the image of the school from XXI century: that one in constant transformation, not for a more technological education, but for a more humanized education.

**Keywords:** Semiotics; discursive semantics; themes and figures.

## Introdução

Nas últimas décadas se intensificaram os debates em torno do papel da escola e, tendo em vista que a sociedade não se apresenta mais no modelo sólido e estruturado o qual concebia à época de sua elaboração e construção, no entanto é fácil perceber a imobilidade da escola que se manteve na mesma estrutura e com os mesmos preceitos daquela época, ou pouco evoluiu. Este desencontro da escola com a sociedade está interferindo intensamente nas relações que se estabelecem dentro e fora dela. As abordagens sistêmicas apontam a necessidade de mudança significativa na relação pedagógica para ultrapassar concepções tradicionais reducionistas. É preciso lançar olhares mais amplos e profundos sobre as formas de ensinar e aprender, refletindo sobre novas linguagens e posturas, revendo conceitos e metodologias. Muitos teóricos apontam caminhos e referenciais, mas o que será que um dos atores principais constituintes deste cenário, os alunos, pensam a esse respeito? Que imagem de escola projetam em seus discursos? A escola que temos “hoje”, inserida *no* século XXI, e a escola dita “do século XXI” são distintas?

Essas foram as indagações motivadoras deste trabalho que tem como objetivo apresentar uma análise semiótica das percepções de alunos de ensino médio sobre o ensino, sobre o que pensam a respeito de como devem ser as escolas do século XXI, estabelecendo o confronto dessas percepções para saber se estão convergindo ou divergindo em relação aos valores apontados para o mesmo tema pelos pesquisadores da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC), rede responsável por inúmeras pesquisas ligadas à educação.

O *corpus* da análise se constituiu de 25 textos de alunos (citados como T-1 e seguintes) da terceira série do ensino médio de uma escola da rede particular de Araguaína em confrontação com o texto escrito pelos coordenadores da RIEC, Saturnino De La Torre e Marilene Zwierewicz, para a apresentação do livro *Uma escola para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação* (2009). Este texto foi escolhido como parte do *corpus* por ser a representação mais equivalente à proposta dada aos alunos.

Mobilizando a semiótica discursiva como referencial teórico, empreendemos neste trabalho a análise dos percursos temáticos e figurativos presentes, primeiramente

nos textos dos alunos, para contrapormos mais adiante com o que preconizam De La Torre e Zwierewicz, estabelecendo a comparação das projeções de imagens de escola. Partimos do pressuposto de que ao registrar suas representações de como é ou deveria ser a escola, esses sujeitos revelam, por meio dos temas escolhidos, os aspectos ideológicos, atualizando os discursos aos quais se filiam.

### **1. Pressupostos teóricos**

A semiótica, que é considerada a teoria geral da significação, inicialmente definida como uma teoria do texto, foi ao longo do tempo ampliando seu campo de pertinência, interessando-se por tudo que possa produzir sentidos, pretendendo “dar conta das condições de emergência do sentido nos discursos e nas práticas significantes mais diversas” (LANDOWISKI, 2014, p.11), como textos, práticas, relações ou objetos culturais. A semiótica francesa parte do pressuposto de que os textos possuem uma lógica geral subjacente, isso equivale a dizer que há esquemas de organização comuns a todos os textos, independentemente das características que os individualizam. Também chamada de semiótica greimasiana, em homenagem ao seu fundador Algirdas Julien Greimas, considera que o sentido de qualquer texto é o resultado da reunião de dois planos: o de conteúdo e o de expressão, buscado através do percurso gerativo de sentido, o qual é subdividido em três níveis: nível fundamental, nível narrativo, nível discursivo, cada um deles composto de uma sintaxe e uma semântica.

Desta forma, temos, no nível fundamental, os conceitos mais abrangentes e abstratos, organizados por pares de oposições como *morte vs vida*, *riqueza vs pobreza*, *humanidade vs divindade*. Esse nível estabelece o eixo semântico em que se constrói, por meio do quadrado semiótico, a representação gráfica responsável pelas articulações mínimas de uma narrativa.

No nível das estruturas narrativas, “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação, também dos sujeitos” (BARROS, 2009, p.11). Também enquadrado como nível abstrato, nele se situa a sintaxe narrativa a qual se propõe a analisar os sujeitos da narrativa, seus estados, seus contratos, as ações e as transformações que lhes “sobrevêm” no decorrer do texto. Sua análise trabalha os enredos a partir de “esquema narrativo canônico”, “percorrendo três percursos distintos, o da manipulação, o da ação e o da sanção” (FONTANILLE, 2011, p.120-123).

Já o nível discursivo, o mais superficial e de maior concretude, organiza-se em torno de uma sintaxe e uma semântica. Na sintaxe discursiva, situam-se as estratégias de projeção dos sujeitos da enunciação no que se refere às categorias de pessoa, tempo e espaço. Na semântica discursiva, apresenta-se a cobertura semântica do discurso desenvolvida sob a forma de temas, e, em muitos textos, caracterizam-se por meio de figuras.

O foco principal neste trabalho se pauta pelas relações do nível discursivo, de modo mais específico à abordagem na perspectiva da semântica discursiva, na qual se observa o aspecto ideológico do discurso por meio de dois procedimentos essenciais: o arranjo de temas e figuras, elementos que mediante uma “escolha” vocabular para a representação do mundo, neste caso a escola do século XXI, revela os sentidos e valores históricos e socialmente partilhados pelos sujeitos.

Dentro das categorias de análise do nível discursivo, Fiorin (1997) nos aponta reflexões importantes sobre o “lugar do investimento ideológico na linguagem.” Ele observa que a sintaxe discursiva possui certa autonomia em relação às formações sociais e é o campo de manipulação consciente, ou seja, o enunciador escolhe e organiza seu discurso, tendo em vista o enunciatário e o efeito de sentido que se deseja produzir. Já a semântica discursiva, por depender mais diretamente de fatores sociais, é o campo das determinações inconscientes (embora o sujeito possa fazer algumas escolhas conscientes), pois são os elementos semânticos usados no discurso que mostram a maneira de *ver o mundo*, dependendo da época, numa dada formação social. Por isso semântica discursiva é, como bem afirma o autor, o campo da *determinação ideológica* propriamente dita.

Como não existem ideias fora do quadro da linguagem, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. “A cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializam uma dada visão de mundo” (FIORIN, 1997, p.32). Isto equivale a dizer que a ideologia se constrói no texto, tendo em vista que os valores culturais e sociais são observáveis através dos elementos textuais utilizados, neste caso, os percursos temático e figurativos.

Os temas são compreendidos como “recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente” (Barros, 1990, p.68), como seriam o avanço tecnológico, a

opressão, a educação, etc. O tema é o aspecto constante enquanto as figuras são as variáveis porque figurativizam (dão concretude a) os mesmos temas de várias maneiras. Nesse sentido, a figura “é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural” (FIORIN, 2006, p.65). Nessa linha, usando exemplos dos textos dos alunos, temos: *mídias digitais, lousa digital, internet, celulares* como exemplos de figuras para o tema do *avanço tecnológico*. Fiorin ilustra ainda que as figuras criam um efeito de realidade, pois constroem “um simulacro” desse real, representando o mundo; enquanto que os temas procuram “explicar a realidade”. Desta forma, os discursos figurativos têm uma “função descritiva ou representativa” da realidade, enquanto que os temáticos têm uma “função predicativa ou interpretativa” (FIORIN, 2006, p.65).

Esses percursos, além de garantirem a coerência do texto, são os elementos de manifestação mais clara de suas intenções e proposições. Deste modo, é importante destacar que, por seu alto grau de concretude, o nível discursivo é o patamar privilegiado para a manifestação ideológica do sujeito da enunciação, ou seja, as escolhas figurativas dos temas propostos por determinados textos podem dizer muito sobre o universo ideológico no qual ele se insere.

Com base nestas reflexões, ao observarmos o que dizem os alunos sobre a escola do século XXI, os elementos semânticos atribuídos por eles nos textos exprimem os valores assimilados por cada um ao longo de sua educação, que embora possam ser textos individuais, seus dizeres constituem ecos de outras vozes que formam seu universo discursivo. É com essa formação discursiva assimilada que cada um constrói seus discursos, que reage linguisticamente aos acontecimentos. Então, pode-se dizer que uma formação ideológica sobre a escola atual é o que determina o que pensar sobre ela, e serão esses elementos de formação discursiva que determinarão seu modo de dizer o que pensam, pois pensamento e linguagem jamais se apresentam de forma pura ou neutra.

## **2. A escola do século XXI pelo olhar dos alunos**

A aplicação do percurso temático e figurativo deu-se pela análise da coerência interna dos textos, buscando os traços semânticos comuns, primeiramente nas produções dos alunos para depois estabelecer a comparação entre eles e a linha de valores da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC).

Ao ser proposto o tema para a produção textual dos alunos, o intento inicial foi de que não houvesse qualquer texto de referência que conduzisse à reflexão, apenas a proposição: *Redija um texto dissertativo-argumentativo respondendo à questão: Como devem ser as escolas do século XXI?* A proposta foi conduzida em sala de aula pelo próprio professor da turma, sob o pedido de que também não se fizessem debates em torno do tema. É importante pontuar que os alunos em questão são, na sua maioria, das camadas médias, de uma escola de prestígio na cidade.

Os temas e as figuras, como nos apresentam Fiorin (2006) e Barros (1990), são elementos determinados sócio-historicamente e trazem para os discursos o modo de ver e de pensar o mundo de classes, os grupos e camadas sociais, conferindo ao dizer seu caráter ideológico. Identificamos na análise dos discursos em questão o desenvolvimento de dois grandes percursos temáticos: a *educação atual* e a *escola do século XXI* aos quais serão ancorados outros (sub) percursos relacionados.

Os textos dos alunos evidenciaram, a partir do percurso mais amplo, estratégias de percurso por temas sempre em dualidades, em oposições importantes e bastante significativas e recorrentes para evidenciar suas visões, sendo elas: *atraso da escola vs modernização*, *opressão vs liberdade*, *automatização vs humanização*. A essas oposições ligam-se em correlação, de um lado, *atraso*, *opressão*, *automatização*, vistos como disfóricos; e, de outro, *modernização*, *liberdade* e *humanização*, como temáticas eufóricas, marcando, por sua vez, as projeções temáticas que vinculam e imprimem a diferença do que se apresenta como o que se tem (a escola de hoje) e a mudança que se quer (projeção de valores para a escola do século XXI).

Como mostra Barros (1990), nas categorias de textos mais abstratos, portanto mais temáticos, ou de figuração mais esparsa, estão os argumentativos, categoria na qual se enquadram os objetos de nossa análise. Neles, as várias isotopias<sup>1</sup> temáticas relacionam-se entre si num todo tecido de coerência. Exemplo claro de isotopia temática está no primeiro texto analisado (T-1) que evidencia sozinho todas as linhas de coerência interna, marcadas pelos traços de oposições presentes na totalidade dos textos, observa-se já a partir do título: O ensino da técnica x humanização; depois, as temáticas: *atraso vs modernização*, *automatização vs valores humanos*, *opressão vs*

---

<sup>1</sup> Isotopia Ele se refere à reiteração de elementos (temas e figuras) que, ao se relacionarem em determinado contexto, compartilham um mesmo campo semântico num dado discurso. Greimas & Courtès (2008, p.124).

*liberdade*, que serão melhor detalhados mais adiante. Essa oposição mostra que a escola do presente não alcança o que dela se esperava, projetando no *querer* a necessidade de um dever *vir a ser*.

Já no percurso temático da modernização, o T-3, embora igualmente argumentativo, ganha cobertura figurativa com ênfase nos recursos tecnológicos que seriam mobilizados por essa escola idealizada, como se pode observar no trecho a seguir:

Por novas tecnologias em educação: computador, internet, hipermídia, multimídia, ferramentas para a educação a distancia como chats, grupos, correio eletrônico e outros recursos de linguagens digitais de que atualmente dispomos e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente. (T -3)

E continua desenvolvendo a temática da “nova escola” que aparece vinculada à figura do farol, como nova perspectiva do professor e, por sua vez, da escola “a direcionar os alunos entre as informações disponíveis instigando a construção do conhecimento através da análise e discussão de seus valores.” (T- 3) Para tematizar e figurativizar seu objeto de valor, o enunciador alicerça essa “nova escola” em “novos paradigmas” centrados na tecnologia - “A tendência é que a tecnologia faça cada vez mais parte do dia a dia da atual e das próximas gerações” -, o que ele denomina em seu título como “Rede social educativa” (T-3).

Na mesma linha temática e figurativa, seguem vários textos. Nós nos serviremos dos percursos mais representativos para ilustrá-los, dando uma visão, em linhas gerais, dos percursos dos alunos, considerando o caráter persuasivo dessas escolhas que, conforme preconiza Barros (2001, p. 118), “O enunciador utiliza as figuras do discurso para fazer-criar”, ou seja, para fazer o enunciatário reconhecer “imagens do mundo” e, a partir daí “a *verdade* do discurso”.

Nessa "representação da realidade", os enunciadores apresentam-se como sujeitos implicitamente cheios de certezas, para que o mundo construído na resposta faça sentido ao interlocutor. Diante dessas representações, cria-se um efeito de sentido que: a) descreve a “realidade” não só da perspectiva do sujeito envolvido com o objeto descrito, mas como quem conhece e descreve a sociedade; b) como uma voz que promove uma denúncia social.

Outra temática importante que interliga a maioria dos textos parte dos aspectos temporais. A ancoragem no “hoje”, além de delimitar a fronteira entre o passado e

futuro, separa duas importantes construções isotópicas das produções: o atraso (passado ainda presente) que é a configuração simbólica de todo processo sócio-histórico da instituição “escola”, e a modernização ou evolução das escolas, que são representadas pela projeção temporal (futuro) das escolas do século XXI.

A relação que passamos a retratar *atraso vs modernização* são referenciais que dão continuidade temática e garantem a unidade de coerência interna. Assim, emergem da linha dos lexemas relacionados ao primeiro termo (atraso): “ultrapassada”, “fora de moda”, “tradicionalidade”, “arcaico” e “decadente”, todos se inserem na relação com características visualizadas na escola desde a “colonização” até hoje. A esta realidade se agrega a imagem de uma parte que se estagnou (escola) com “sua estrutura do século 19”, “currículo do século 20”. Já como lexemas relacionados ao segundo termo, (modernização), temos: “evolução”, “inovações”, “tecnologia” e “transformações; que representam a outra parte (alunos) que se moderniza, acompanhando a “mudança dos tempos”. Todos são termos relativos ao que se almeja como objeto de valor: uma escola capaz de se transformar, deixando os valores da “sociedade tupiniquim” e alcançando o *status* de escola de qualidade, *escola do século XXI*.

De acordo com PIETROFORTE (2008, p.34), “sempre há, na discursivização dos temas, polêmicas responsáveis por suas definições”. No caso das redações dos alunos, o tema da *escola do século XXI* acaba sendo definido entre os discursos de oposição. Instaura-se o conflito entre estar ancorado no *hoje*, século XXI, mas com uma educação arraigada no passado à qual os sujeitos repelem, o que caracteriza olhares disfóricos sobre a escola.

Desta forma, vemos outra relação de sentido se estabelecer com um segundo par de conflitos: o ensino tecnicista vs o ensino humanizado (valores). O primeiro se liga ao referencial do atraso e o segundo ao da modernização. Esse ensino “restrito apenas a aprendizagem técnica” (T-1), “destinado ao mercado de trabalho” (T-20,7), no qual os alunos acabam sendo meros “depósito de informações” (T-1), fazendo do aluno “ameba pensante utilizada em experimentos” (referência aos constantes modismos das políticas educacionais), “ótica marxista” (T-19), traços que só poderão ser superados quando o seu oposto se efetivar como realidade na escola: “preparar alunos para a vida” (maior recorrência, 10 textos, se considerar suas variações de referência), “formar cidadãos mais humanizados” (T-17), escola de todos, “formar para a cidadania construindo

pilares de um outro mundo possível”, “cultura de paz” (T-15), “flexibilidade” (T-9) “formar pessoa inteligente e íntegra, valores humanos e dignos com igualdade social” (T-19). Contrariando a expectativa de ligação ao termo da modernização pelo viés da tecnologia, optou-se de forma majoritária pelo sentido da evolução humana.

São variadas as formas de relação interdiscursiva representativa das formações ideológicas presentes nos temas. Uma delas, *o descaso do governo*.

Parece que o governo quer manter a população alienada, desprovida de vários conhecimentos e até mesmo ideologias. (T-21)

Este órgão [escola] tão essencial para o bom funcionamento da sociedade, por vezes e quase sempre, não recebe a devida atenção do poder público. Ele anseia por profissionais bem qualificados, clama pelo extermínio do desvio de verbas e por fim luta por um país com seres mais intelectuais. (T-19)

Contudo a educação é a que mais sofre cortes e descuidados (sic) da parte das políticas públicas já que os políticos preferem administrar um país com ignorantes e/ ou manipulados. (T-4)

Infelizmente há, em pleno século XXI, um descaso muito grande relacionado a educação (...) (T-1)

Os exemplos acima são representativos tanto por explorarem a mesma estratégia - causa/consequência -, quanto por apontarem o governo como causador intencional do “atraso” não só da educação como atraso geral do país. Essa temática traz à tona a ideologia de que a boa educação não interessa ao governo, pois para este tudo que se quer é o povo ignorante como “massa de manobra” (T-4).

De modo geral, os temas que perpassam os textos são sempre os mesmos, o que reforça a percepção da mesma posição ideológica. Além disso, os modos do dizer também são bastante similares, mesmo não havendo nenhum texto ou fragmentos de textos como base de reflexão, o que nos leva a concordar com Discini (2005) quando diz que a voz institucionalizada da escola sobre a composição do gênero também dita o como dizer:

Seja qual for o ponto de vista veiculado pelo texto, é importante salientar que o sujeito nunca é soberano. Primeiramente, porque crenças fincadas na sociedade e representativas de diferentes segmentos sociais ditam o que deve ser dito. Depois, porque coerções do gênero ditam como dizer. Os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados; estáveis tanto em relação ao conteúdo temático-figurativo, quanto em relação à estrutura textual (DISCINI, 2005, p.34)

Com as análises dos textos, a observação das regularidades de modos de dizer possibilita entrever um saber escolar (estabelecimento de relações, exemplificações, causalidades, etc.) que busca não só validar seus argumentos, como legitimar uma

imagem de enunciadores que são conhecedores de saberes que circulam no “mundo globalizado”. Além disso, a constatação inicial de que, mesmo sem usar textos de referência ou fragmentos, há uma surpreendente recorrência aos mesmos temas e escolhas argumentativas. O que, a princípio, pode parecer falta de originalidade indica, na verdade, certa comunhão com um ponto de vista compartilhado sócio-historicamente, mediante diferentes formas de aprendizado e interação.

### **3. A escola do século XXI na perspectiva da RIEC**

É na busca pela compreensão dos sentidos e dos significados da escola para todos, no século XXI, que vem a proposição das Escolas Criativas, ou como costumeiramente se denomina a RIEC. Proposta resultante de estudos do Grupo de Pesquisa da Universidade de Barcelona – Espanha – foi gradativamente se expandindo com a incorporação de vários pesquisadores e instituições atuantes em vários países. No Brasil, os núcleos de pesquisas vinculados à Rede Internacional de Escolas Criativas estão presentes nas regiões Oeste e Sul de Santa Catarina, no Estado de Goiás, em São Paulo, Ceará e Tocantins.

Para a compreensão da comparação discursiva proposta neste artigo, é importante esclarecer as concepções da RIEC para escolas criativas. Entendem escolas criativas como aquelas instituições educativas que

(...) vão além do ponto de partida (transcendem), que dão mais do que têm e vão além do que se espera (recriam), que reconhecem o melhor de seus alunos e professores (valorizam), que crescem por dentro e por fora buscando por todos os aspectos de qualidade e melhoria (transformam). (RIEC, 2012b, p. 2).

A partir da leitura do texto de apresentação do livro de referência<sup>2</sup>, escrito pelos coordenadores da Rede, empreendemos a análise, destacando três sequências discursivas para pontuar algumas figuras e temas que recobrem o percurso temático da educação do século XXI, na perspectiva da Escola Criativa, igualmente edificada pela oposição da escola de hoje.

#### Fragmento 1

(...) a educação atual precisa passar por uma transformação radical (...) combinando tecnologia com valores humanos. (...) instituições e secretarias de educação preocupadas com a falta de motivação, a violência e o baixo rendimento dos discentes, com a excessiva fragmentação dos conhecimentos,

---

<sup>2</sup> Uma escola para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação. Saturnino De La Torre e Marilene Zwierewicz (2009).

com o estresse dos docentes, com os problemas ambientais e com outras adversidades (...) (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009, p. 11)

Fragmento 2

Uma escola que prepare a partir da vida e para a vida, que parta de problemáticas reais mais que de temas justapostos, que priorize o desenvolvimento de uma consciência de harmonização pessoal, social e planetária. (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009, p. 12)

Fragmento 3

Uma escola criativa tem como pretensão preparar em competências, atitudes e valores (...) atitudes colaborativas, empreendedoras, abertas à mudança, ao novo, tolerantes e dialogantes, indagadoras e movidas por perguntas. Consciência e importância atribuída aos valores humanos e sociais, à pessoa em seu contexto, à inclusão dos menos favorecidos. (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009, p. 12)

Na análise integral do texto dos coordenadores da RIEC, representada pelos fragmentos acima, é possível perceber a mesma estratégia de argumentação que os alunos, a oposição temática *educação atual vs escolas do século XXI*. No fragmento 1, o tema da educação atual aparece figurativizada em: instituições e secretarias preocupadas, discentes desmotivados, violentos e de baixo rendimento, currículo fragmentado, docentes estressados com essas e outras adversidades. Quase todos os agentes envolvidos com a educação são representados basicamente com valores negativos: desmotivados, violentos, baixo rendimento, fragmentado, estressados; exceto a preocupação das instituições e secretarias, visto que a probabilidade de sujeitos intervirem numa realidade que lhes preocupa é muito maior do que naquela que se ignora.

Já nos dois fragmentos seguintes, a ideia de escola do século XXI é apresentada no percurso temático da educação integral: preparar em competências (no saber), em atitudes (no fazer) e em valores (no ser) e contextual (da vida e para a vida), partindo de problemática real e sensível: desenvolvimento de uma consciência de harmonização pessoal, social e planetário.

A formação ideológica apresentada na enunciação é de que “a educação é peça-chave no caminho para uma sociedade mais justa, tolerante, solidária e feliz”. E que isso implica “em uma mudança de visão e de paradigma” sobre o modelo educacional atual, “combinando tecnologia e valores humanos”. (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009, p. 11)

#### **4. Cruzando olhares, analisando imagens.**

Aos cruzarmos os olhares desses atores, lançados de lados distintos da “realidade” escolar, percebemos algumas linhas muito próximas. Essa constatação nos

permite afirmar que, diante dessas representações, cria-se um efeito de sentido que: a) descreve a “realidade” mediante o jogo temporal - “hoje”, “atual” como sinônimo do que precisa ser superado, já que representa um “modelo” de escola que não atende mais; b) sujeitos que tanto enunciam o que conhecem como denunciam os problemas relacionados à educação brasileira.

Uma chave de leitura importante no comparativo de imagens está relacionada ao apontamento mais recorrente nos textos dos alunos como projeção de escola do século XXI: aquela que deve “educar para a vida”. Diretamente citando o referido termo foram dez textos, outros seis o fazem por relações semânticas. Essa recorrência mostra uma proximidade com um dos propósitos citados no texto de apresentação da RIEC, como o “cenário teórico-prático do que seria a escola criativa do século XXI: Uma escola que prepare a partir da vida e para a vida” (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009, p. 12)

Outra observação importante na relação dos textos foi a quebra da expectativa de pesquisa na qual a imagem que estaria pressuposta para a escola do século XXI, ou a escola do futuro, passaria, em maior referência dos alunos, pelo mundo tecnológico. No entanto, esse aspecto presente, mas não preponderante, aparecem em ambos os sujeitos (alunos e pesquisadores) não como a peça fundamental; na verdade, a tecnologia é tomada como lugar de referencial da contemporaneidade, portanto, está inserida completamente em todos os aspectos da vida cotidiana, então, se questiona apenas: por que não na escola? A tecnologia incorporada à educação é apontada nos textos como símbolo de estar inserido no próprio tempo.

A surpresa maior da análise foi perceber que, para os alunos, a humanização e os valores são o que se espera de um mundo “evoluído”, em uma escola “evoluída”, dando conta das transformações percebidas em nosso tempo. Também remetem a uma consciência crítica, moral e ética para não se deixar contaminar ou alienar pelo “sistema” que representa o velho paradigma totalitário e capitalista.

Embora tenhamos afirmado que a educação para a vida seja uma das chaves para a compreensão da percepção dos alunos, esta parece ser muito mais abrangente do que *a priori* se pensou. Podemos usar desta mesma chave para outra investigação de sentido: até que ponto esses alunos são sujeitos modalizados pela filosofia ideológica da escola que traz não só em seu PPP como no slogan essa mesma proposição: educando para a

Vida? Porém, tendo em vista que nosso objetivo proposto já foi atingido, reservaremos esse tema para um desdobramento futuro.

## **5. Considerações finais**

A necessidade de compreender a função da escola neste século XXI nos impulsionou a buscar uma compreensão dos significados e dos sentidos que o sistema educativo tem – e/ou deveria ter – diante da formação das novas gerações. Essa compreensão foi o objetivo deste trabalho que nos revelou imagens importantes e, até de certo modo, inesperadas de como os jovens percebem a escola.

Verificamos com o estudo da semântica discursiva que um mesmo elemento pode ser representado e valorizado sobre diferentes perspectivas, de modo que ficam visíveis, então, as ideologias representadas pelo conjunto de textos. Do cruzamento de olhares entre alunos que finalizam seus estudos na educação básica e teóricos-pesquisadores, percebemos que ambos buscam uma educação voltada para o seu tempo e que partem da percepção de que a escola se mantém sem maiores evoluções, impondo certos modos de conduta, de estruturas, de pensamento e de relações próprias, independente das mudanças que ocorrem na sociedade; o que a torna “desinteressante” para a grande demanda de estudantes que, “sem vontade”, são “obrigados” a frequentá-la diariamente.

Consegue-se notar que esses temas recorrentes se combinam para recobrir o percurso temático da educação brasileira, não se circunscrevendo ao âmbito da escola em questão. Pela análise empreendida, podemos dizer que esses sujeitos estão em disjunção com o universo de prática e valores da escola atual, ultrapassada e tecnicista; por isso mesmo, buscam, ao menos no plano do discurso, a conjunção com a imagem de escola do século XXI: aquela em constante transformação para atender às demandas do homem, uma escola que não se modifica apenas pela técnica, mas por tornar-se mais humanizada.

O momento sócio-histórico crítico por que passa a educação brasileira promove a crença, apresentada nos textos, de que haveria um propósito político *torpe* para o descaso com a educação: perpetuar uma sociedade ignorante e de fácil manipulação. No entanto, também foi revelado, tanto nos discursos dos alunos como nos dos pesquisadores, outra ideologia - a de que, apesar de tudo, “a educação é a peça chave para uma sociedade mais justa, solidária e feliz” (TORRE; ZWIREWICZ, 2009, p.

13). Aspectos que concordamos, pois urge a necessidade de que esta escola de hoje possa se renovar, transformar-se, combinando a tecnologia que é símbolo do seu tempo com os valores humanos tão necessários nessa realidade.

### **Referências Bibliográficas**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo, Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva**. Revista Alfa, São Paulo, v.53, n.2, 2009, p. 351.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

DISCINI, Norma. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDOWISKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014. [Les Interactions risquées. Limoges, PULIM, 2005].

PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraphin. **Tópicos de semiótica: modelos teóricos e aplicações**. São Paulo: Annablume, 2008.

ZWIEREWICZ, M. e TORRE, S. (Org.). **Uma escola para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação**. Florianópolis: Insular, 2009

### **Outras referências**

TORRE, S. (2012b). Acta de Constitución RIEC. Barcelona: Universidade de Barcelona. Disponível em :<http://www.escuelascreativas.com>. Acessado em: 10/05/2015.